Civilizados levam tudo de xacriabás em 3 séculos e até mudam sua denominação

Belo Horizonte (Sucursal) — Os índios xacriabás, ao cabo de três séculos em contato com civilizados, perderam seus costumes, dois terços dos 250 mil hectares de terras que possuíam, o espírito da raça, e até a memória tribal: atendem hoje pela denominação de gamelas. Ganharam, no entanto, alguma coisa dos brancos: o vício da embriaguez e a permissão de tirar título de eleitor, embora ao fazê-lo deixem de ser índios.

A Fundação Nacional do Índio está levantando a situação dos gamelas no Brejo do Mata Fome e outros núcleos, para o que conta com a colaboração do antropólogo Romeu Sabará da Silva e de sete estudantes de Ciências Sociais, todos da Universidade Federal de Minas Gerais. O Governo quer fixá-los num único núcleo, e expulsar, não apenas os brancos grileiros, como também Santos Seixas Ferro, índio que aprendeu com eles e possui a maior parte da terra.

Grilagem

No começo, o território xacriabá, doado pelo Império, ficava entre três rios: o São Francisco, o Itacarambi e o Peruaçu. Hoje, nenhuma gleba chega às águas, pois a ação continuada dos invasores espremeu os gamelas em pequenos núcleos, e o branco Bida, Rosalvo Fraga Fernandes, ficou com a maior parte do território primitivo.

Embora a Funai possua documento comprovador da doação imperial, a Fundação Rural Mineira — Ruralminas — considera devolutas as terras de Itacarambi, e, particularmente, do seu distrito de São João das Missões, onde centenas de posseiros vivem ao lado de remanescentes dos xacriabás. Na mesma área, o Grupo Cauê mantém uma fazenda, a Canadá.

Um funcionário da Ruralminas informou que, tão logo a Funai termine o levantamento e indique a área para fixar os índios remanescentes, o Governo estadual regularizará a situação dos posseiros. Mas, na verdade, se alguém perguntar

de quem são estas terras não haverá quem possa dar uma resposta definitiva.

Ao longo dos anos, os grileiros utilizaram todo tipo de pressão e de meios ilícitos para tomar a terra dos índios. Um dos expedientes preferidos foi o de comprar apenas a benfeitoria e apossar-se de toda a propriedade. Laurindo Gomes de Oliveira e Manuel Rodrigues, dois índios inconformados com as invasões, foram diversas vezes a Brasília para denunciar isto. Tentaram até suborná-los, antes de viajarem.

Para defender a pequena faixa de terra que ainda resta aos gamelas, Laurindo chegou até a brigar, no braço, com o índio grileiro Santos Ferro, e a colocar uma corda no pescoço de outro, o Catarino, que, cedendo às pressões, resolvera vender sua roça. Laurindo arda sempre armado "e com seus assuntos particulares e m dia, para poder continuar defendendo os interesses dos remanescentes" apenas, pois 2 mil, já aculturados, dispensam a proteção da Funai.

Sem vestígios

Quando se juntaram a negros e brancos, os xacriabás se descaracterizaram a tal ponto que a Funai só concordou em tomar providências contra as primeiras denúncias de invasões após Laurindo e Manuel Rodrigues terem exibido ao órgão vestígios da tribo: peças de um artesanato hoje praticamente inexistente.

Entre os remanescentes, nenhum fala o idioma dos ancestrais. A velha Felícia Pereira, mãe de Santos Ferro, certamente lembrará alguma palavra: ela tem 115

anos. Mas está agonizante num leito miserável, que sempre recorda o povo gamela.

Também os costumes estão esquecidos. Poucos, como o velho João Antônio, de 86 anos, ainda se lembram da onça cabocla, espécie de lada protetora antes profundamente ligada à vida espiritual dos xacriabás, aparecendo sempre na secreta dança da tore, abandonada aos poucos, principalmente em face da perscruição dos brancos.